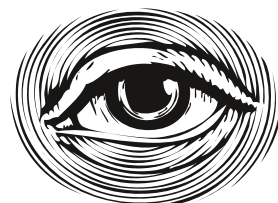


RE
VIS
TA



1^o
Edição



julho_2025

COLATINA
ESPÍRITO SANTO
BRASIL

31 DE JULHO
DE 2025

REVISTA
LUDICIDADES
VOLUME I

EDIÇÃO,
DESIGN E
FRACTAIS
FEITOS POR
ZIÃO CLARICE DIONÍSIO



EDITORIAL

ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

JOGO DOS NOMBES

JULIO PATTIO

LIVRO

AGENTE 49

AUGUSTO BERMOND

DIZEM QUE

EM CADA COISA

UMA COISA OCULTA

MORA

ALBERTO CAEIRO

ENTREVISTA COM

SUELY S. ZANOTELLI

ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

CARTA AOS

DIRETORES MÉDICOS

DOS ASILOS DE LUNÁTICOS

ANTONIN ARTAUD

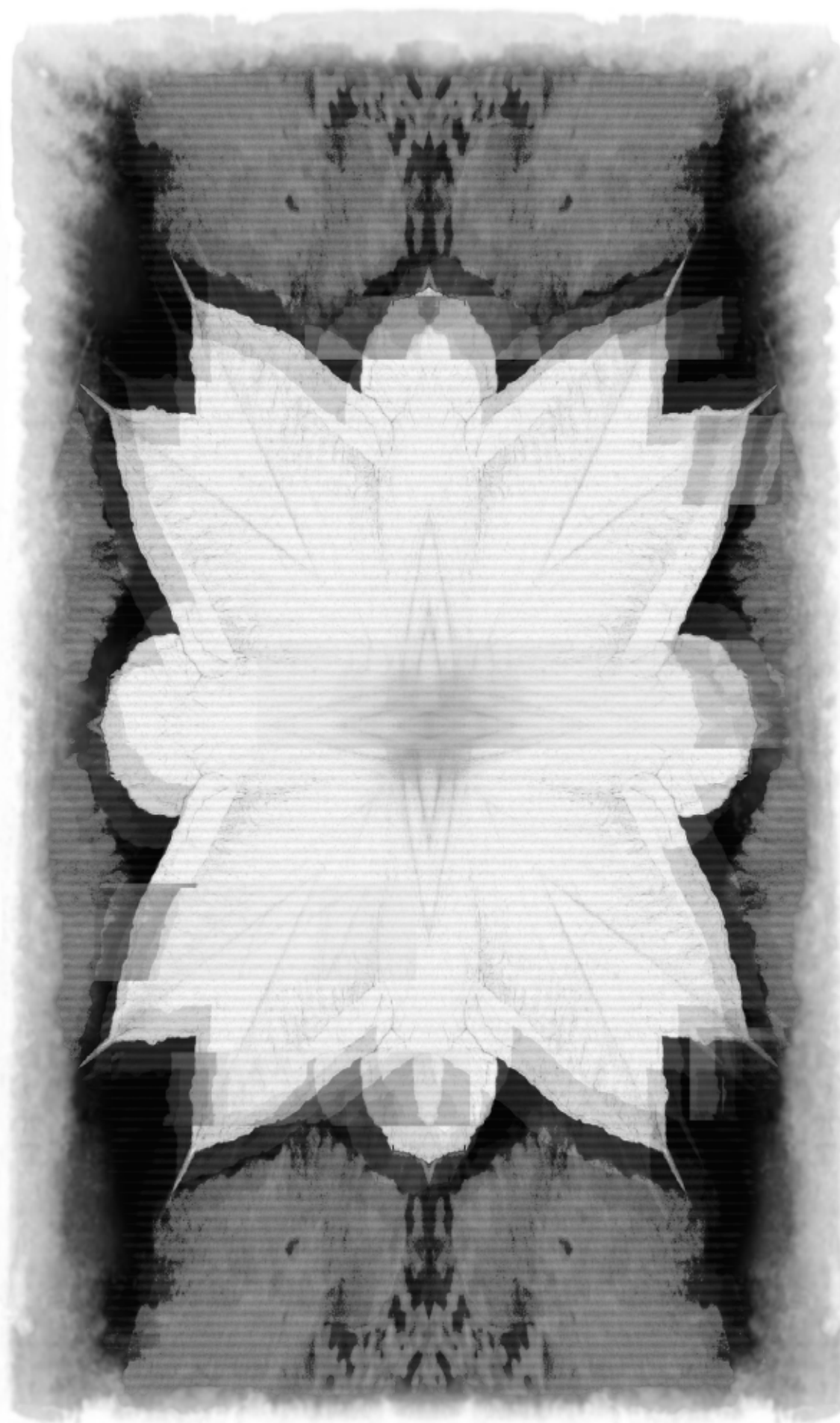
JOGO

FAMILIARIDADE

MARCUS BAIKAL

ZIÃO RESPONDE #2

COM M. ISOLINA DE CASTRO SOARES





EDITORIAL

ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

Oie... esta é a obra número 50 da editora Tropicalversos... a número 1 foi a primeira revista Tropicalzin, em 16 de março de 2023...

Nesses 2 anos e alguns meses, mais de 150 pessoas participaram como autores, ilustradores, tradutores, entrevistados e apoiadores...

Nada disso seria possível sozinho... fica aqui registrado meu agradecimento a tod@s...

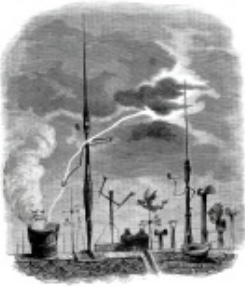
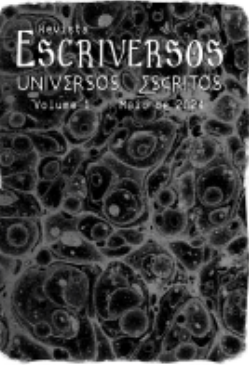
Nas próximas páginas você pode ver as capas de todas as obras publicadas até agora...

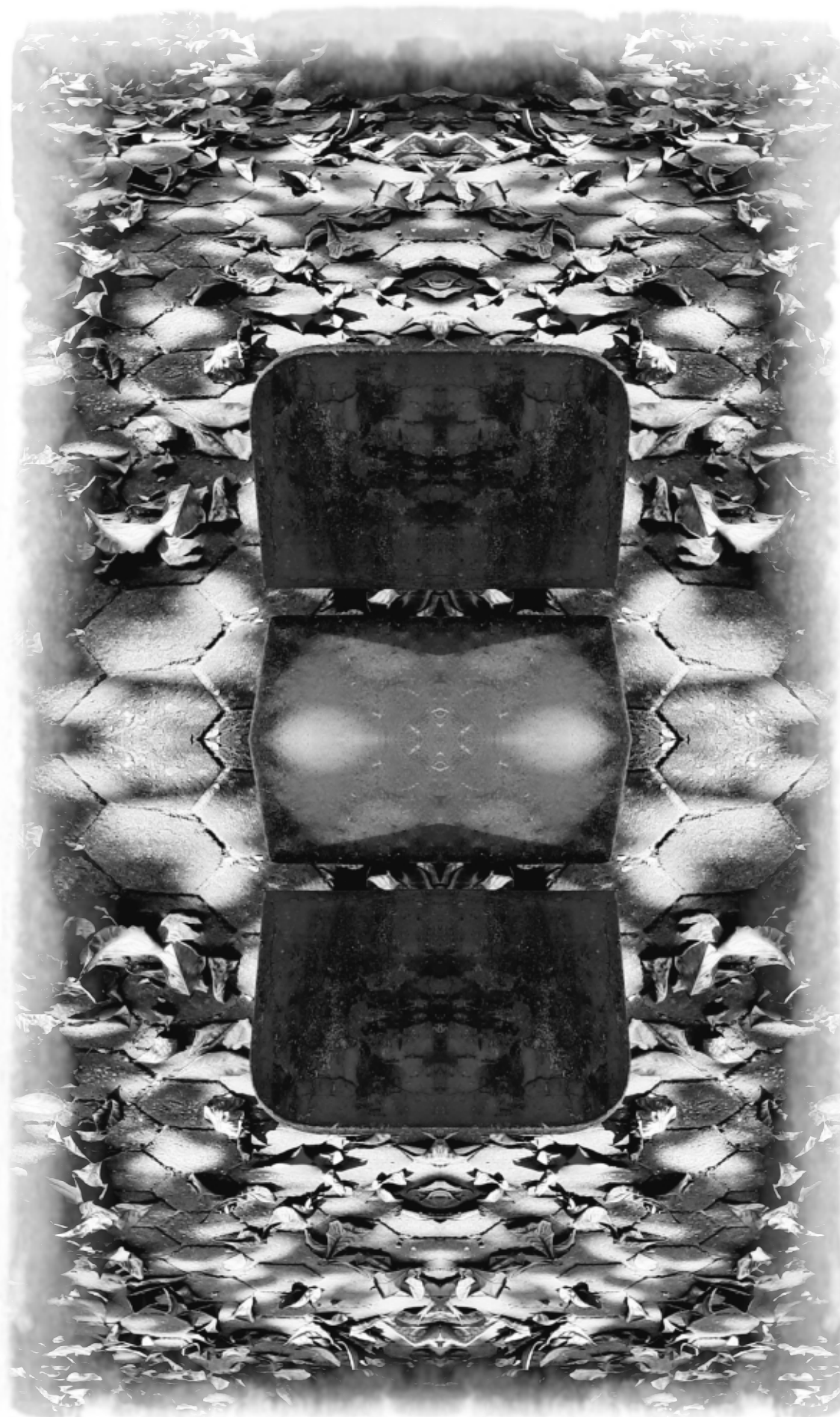
Esta primeira edição da revista Ludicidades foi financiada pelos apoiadores do apoia.se/tropicalzin e pelo mecenato de M. Isolina de C. Soares, Nadie, Suely S. Zanotelli, Mônica Mota, Augusto Bermond, Pedro Passamani, Estela Valvassori e Kris Breno...

Mais uma vez, muito obrigad@!...

Boa leitura :)

Revista TROPICALZIN Volume 1 Março de 2023 	Revista TROPICALZIN Volume 2 Abril de 2023 	SÓ ME KISS Zião 	Revista TROPICALZIN Volume 3 Maio de 2023 	Cafetos Zião 
Revista Tropicalzin Volume 4 Junho de 2023 	Revista Tropicalzin Volume 5 Julho de 2023 	Somos Loucos pelo Pôr do Sol MaraEliza Penitente 	Revista Tropicalzin Volume 6 Agosto de 2023 	TEM SEM CAFÉ Zião 
JOÃO AUGUSTO COSTA ESCURIDÃO 	Revista Edição Agosto 2023 MINORIDADES Com poemas de alguns do IFES Itapina 	Poesias, Sentimentos, Escritos... Maria Emília dos Santos 	Revista Tropicalzin Volume 7 Setembro de 2023 	Poesia Sentida Erudson Muniz Apeltier 
Revista TROPICALZIN Volume 8 Outubro de 2023 	Revista TROPICALZIN Volume 9 Novembro de 2023 	Afeto Solúvel Zião 	Revista TROPICALZIN Volume 10 Dezembro de 2023 	REVISTA TROPICALZIN Volume 11 Janeiro de 2024 
REVISTA TROPICALZIN VOLUME 12 FEVEREIRO DE 2024 	ENTRE JOVENS PALAVRAS Uma história de Zião contada por Renan 	Olhos pra quem te vê Francisco Emmanuel Mariano 	Revista Tropicalzin Volume 13 Março de 2024 	Algumas Coisas... Ana Gabriela B. da Silva 

Revista de Tradução TRADUZINE  Volume 1 Abril de 2024	 Revista TROPICALZIN Volume 16 Abril de 2024	Revista ESCRIVEROS UNIVERSOS - ESCRITOS Volume 1 Maio de 2024 	REVISTA DE MÚSICA SOMZINE Volume 2 Maio de 2024 	NÃO INDICADO PARA LEITORES IMATUROS A Criança e os inimigos dela  Emma Goldman Tradução de Zião Dionísio
Revista Tropicalzin Volume 15 Maio de 2024 	NÃO INDICADO PARA LEITORES IMATUROS FERNANDO PESSOA astrologia e ocultismo  Entrevista com José Correia feita por Zião Dionísio	REVISTA DE MÚSICA SOMZINE Volume 1 Junho de 2024 	 Revista Tropicalzin Volume 10 Junho de 2024	 TEMPO MISTO passagens e margens uma viagem de Nimbópolis até a Tropicalilha em que você lê e participa  Criada e escrita por Zião Dionísio com artes de desenho gráfico
Revista ESCRIVEROS UNIVERSOS - ESCRITOS Volume 2 Junho de 2024 	Revista Tropicalzin Volume 17 Agosto de 2024 	REVISTA DE MÚSICA SOMZINE Volume 1 Setembro de 2024 	Revista ESCRIVEROS UNIVERSOS - ESCRITOS Volume 3 Outubro de 2024 	 Revista Tropicalzin Volume 18 Novembro de 2024
CLARICE LISPECTOR ESTRANHAMENTO E ESPLÊNDOR  ENTREVISTA COM MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES FEITA POR ZIÃO DIONÍSIO	Revista TROPICALZIN VOLUME 19 Janeiro de 2025 	UNDOER Entre mundos e visões  OLHARE 	 The Raven O Corvo em verso de tradução por EDGAR ALLAN POE FERNANDO PESSOA	OLNEY BRAGA deseñtrando a língua  SOCORRIDA COM OS DIÁLOGOS PROFESSOR OCULTIZADAS feita por M. J. de C. Soares, S. B. Soares e S. C. Soares « depósitos de alívio e fotografias »
REVISTA DE MÚSICA SOMZINE Volume 1 Março de 2025 	 Revista TROPICALZIN VOLUME 20 Março de 2025	Revista TROPICALZIN Volume 21 Junho de 2025 	 Versos Inflamáveis Seleção de poemas de Lola Ridge traduzidos por Zião Clarice Dionísio	LUDICIDADES  REVISTA Julho 2025





JOGO DOS NOMBES

JULIO PATTIO

Não se nasce com um nome, o vestimos. Uma coisa, um nome. Uma pessoa, um monte de gente. Em um lance de dados troca-se um pelo outro. O nome reveste e vai descascando.

Não devemos ser exigentes na escolha, mas batizar em rompantes aleatórios. Aquilo que causa espanto se conflagra no ato de nomear. Sem adequação, apenas aderência. A cada vez, a sorte é lançada. Na esperança de nos encontrarmos no nome, acabamos por fisgar tantos outros.

Aquele dia, nos preparávamos para sermos algo mais. Muito da vida ficava para trás, à imagem de nossas cidades fantasmas, apenas o presente era tangível. E todo mundo sabe que o presente dura menos de um segundo.

O nome serviu, então, como uma porta. Encheu nossos olhos incrédulos com histórias que sempre soaram longe demais do coração. Abriu a ânsia abismal do passado, enfiando relíquias de vidas não vividas garganta abaixo.

Passearam pela orla até o fim da tarde. Em vão haviam perseguido o sol. Fora um dia cinzento, mesmo a tarde findava desprovida do romantismo de um crepúsculo. Um dia de fins incompletos. Ele lançou-se ao mar junto de mil histórias. Ela ouviu com a aplicação que apenas o pensamento mágico pode proporcionar. Palavras se desdobraram em talismãs, tanto para um, quanto para outro.

A ironia sendo que, mesmo lado a lado, não podiam ter a alma mais distante. Encontravam-se na necessidade mútua de significado, no oco que os afugentava. Uma fenda prestes a engolir a si mesma. Eram o cão e o próprio rabo, unidos até o fim dos tempos em sua desavença.

Movidos por uma suspeita incauta, decidiram parar e comprar um sorvete. Ao lado, uma criança conversava com seus bonecos, e eles enfiados em uma narrativa de salvação. Um contrato firmado atrás do inconsciente. Talvez por isso os comportamentos exibiam um exagero caricato.

— Nossa, você realmente conhece muito de tarô.
– Tinha os olhos verdes, cristalinos. Os cabelos claros, abertos como uma fonte d'água. Tudo o que ele sempre quis. Seria capaz de fazer qualquer coisa para adentrar no terreno da pureza, daquela pureza.

— Te falo que cansei. Cansei dessa racionalidade Ocidental. Temos que buscar outros modos de ser. — O olhar dela estava vidrado, acompanhava as palavras dispostas no ar com a mesma avidez que apostadores encaram cavalos de corrida.

— Concordo totalmente! Nosso continente abandonou a magia, se perdeu nas regras do espírito. — Uma estranha em seu próprio país, por tanto tempo ela havia aguardado para dizer tais palavras.

— Isso meus antepassados já sabiam. A animidade é a única sabedoria a guiar. Nosso espírito tem de se curvar ao irracional. O poder da influência deve emanar de seres afastados por séculos.

— Sinto que nosso encontro estava escrito. — Ela não disse, mas esforçava-se para fazer das palavras dele respostas a suas perguntas. Tratava-se de seu gesto maior de caridade. Ele aproveitou para respirar de seu transe. Emendou alguns nomes elogiosos, reparou que o tecido leve da blusa dela sugeria os contornos dos seios e continuou.

— É bem possível. Aprendi a duvidar daquilo que os olhos são capazes de ver. Filio-me ao invisível, ao não-dito. Você sabia que para cada fenômeno que testemunhamos existe uma infinidade de outros correndo em paralelo? — Gesticulava com a afetada cerimônia de um velho ator recitando Skakespeare para a família no natal. Artificial e ainda assim, sincero.

— Por que não vamos para a minha casa? —
Enfim, a pergunta. O dia havia girado em torno
dessa questão. Cada um por suas razões, ansiavam
pela entrega carnal. Buscavam uma dócil forma de
engano. Um clichê travestido de profundidade.
Travar um diálogo mudo e recíproco.

— Acho que as cartas são verdadeiras janelas
da alma. Por isso o baralho de Camoin me atrai
tanto. Há algo de arquetípico em suas imagens
medievais, suas cores primárias, seus traços quase
inocentes. Representam o desenho universal da
consciência humana, densa e infantil. — Tão imerso
nas histórias que contava, ele não a ouviu de
imediato. Ela tampouco o interrompeu, aguardou
mais alguns floreios antes de repetir a pergunta.

Entraram no bonde. Ela pagou as passagens.
Falou em seu idioma alguma coisa com o cobrador.
Trocaram um sorriso cordial. Ele observava a tudo.
Calado. Por um segundo sentiu-se novamente
ilhado naquele país estrangeiro. Memórias de sua
infância humilde o atravessaram em turbilhão. Mas
não era hora daquilo, ele era um herói, mestre de
seu triunfo. Olhe onde havia chegado, a conquista
que estava prestes a deflorar. Começaram a falar
de música. Ele recuperou o controle.

O porto ia ficando para trás. O bonde cruzava
as ruas da cidade medieval e conduzia ambos ao
desfecho daquele infortúnio. Do lado de fora,
um negro misterioso rasgava as nuvens pesadas.

Protegidas no ninho, gaivotas rugiam como leões. Anestesiados pelas histórias, eles também provavam de uma certa segurança.

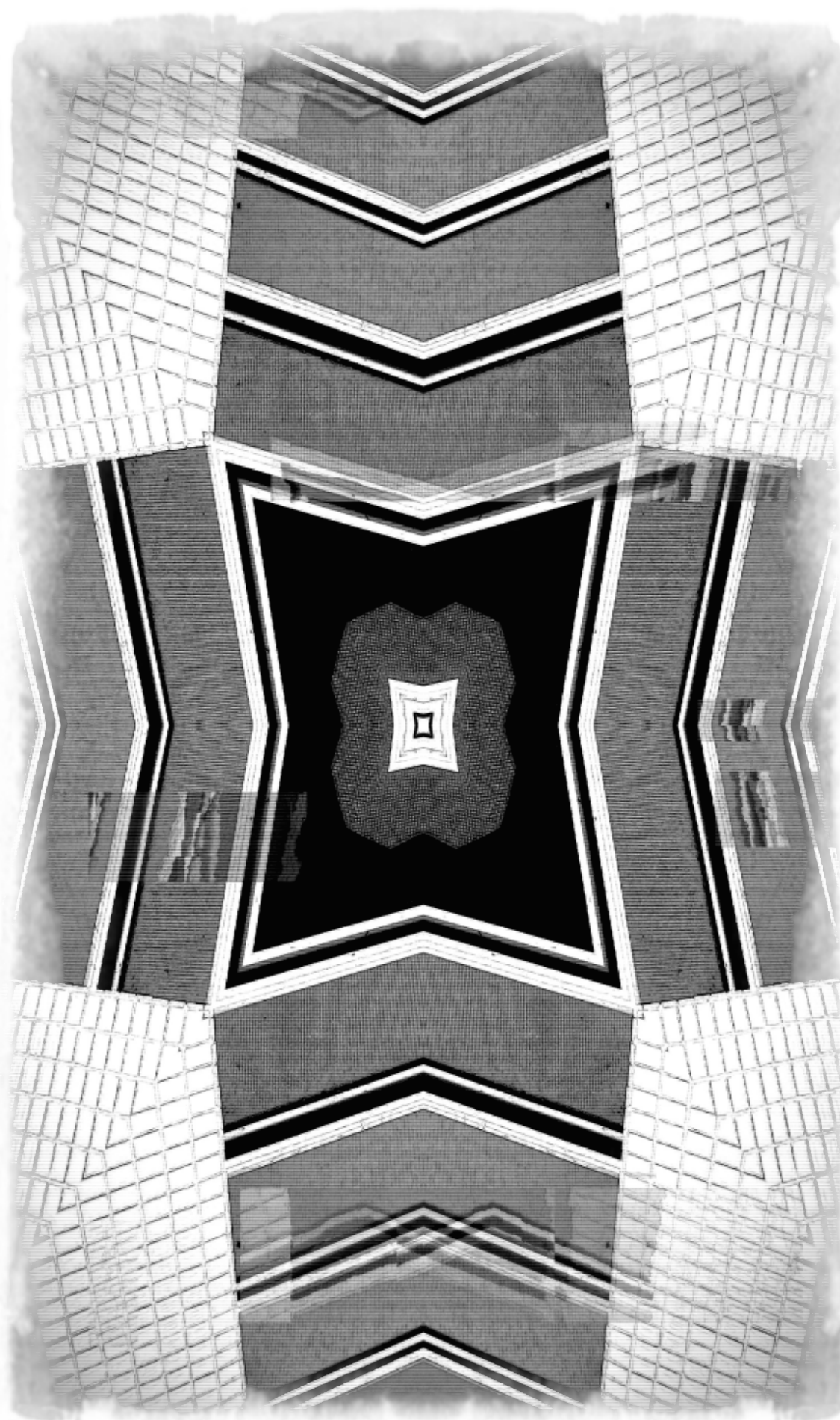
Ninguém ouviu quando as trovoadas fizeram o tecido celeste vibrar. No entanto, o bonde inteiro se calou. Os passageiros abaixaram a cabeça, não se sabe se por vergonha ou culpa. Apenas nosso casal mantinha o olhar altivo, encantado. Pouco antes da parada, foram acometidos por um medo sem nome. Como proceder uma vez terminado o jogo no qual haviam se lançado? O que fazer quando as palavras dele se esgotassem? A incansável retomada da perseguição brilhava como a única alternativa. Isso porque o medo não iria embora, ouroboros da danação. Os nomes listados durante o dia cobriram o silêncio. Ele respirou fundo, notou a mulher de pele pálida sentada ao seu lado, pegou na mão dela, alisou suas falanges delicadas e continuou a falar sobre música.



Julio Pattio (@palavrasruid.as) nasceu na cidade de Colatina. Foi punk e anarquista, produziu zines e ocupou casas. Passou a maioria de sua adolescência trocando cartas.

Formou-se em Filosofia pela UFMG, logo em seguida deixou o Brasil. Mestre e doutor em filosofia do Renascimento pelo CESR – Tours (França), pesquisa ontologias e epistemologias decoloniais. É fascinado por poesia iraniana.

Sua terapia por escolha é cozinhar. Atualmente está correndo atrás de publicar seu primeiro romance e trabalhando em um volume de contos.





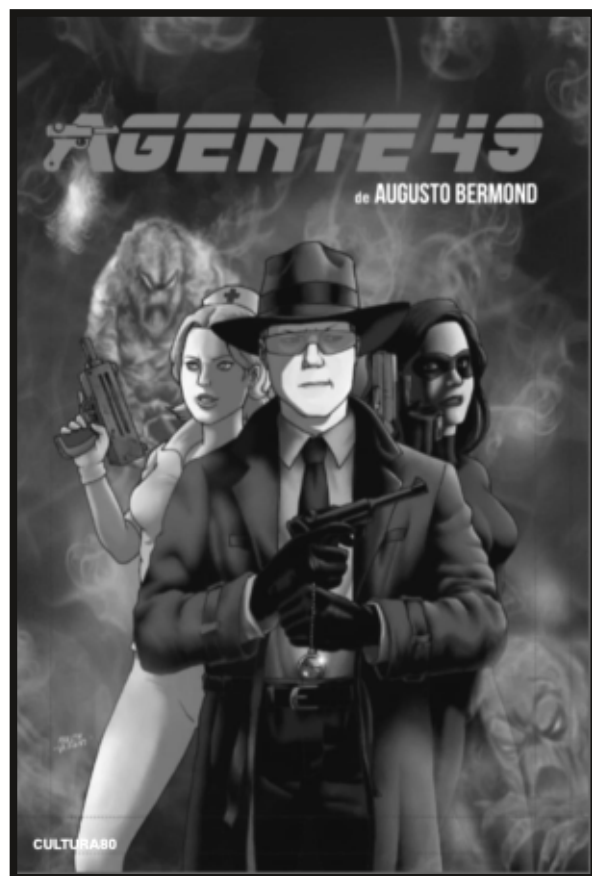
LIVRO "AGENTE 49" DE AUGUSTO BERMOND

AJUDE O AGENTE BELMONDO E SEUS AMIGOS
NUMA MISSÃO PARA SALVAR OS HUMANOS
DE UMA DOENÇA, NESSE LIVRO INTERATIVO
ONDE VOCÊ ESCOLHE OS CAMINHOS
ENQUANTO VIAJA NO TEMPO!

Pense fora da caixa
para enganar Pandora.
Entenda bem o caminho
para sair do labirinto.

Belmondo circulando
pelo espaço dos tempos...
Buscando tratamento
para o mal dos enfermos...

Olhando além do terreno
o que está oculto será visto
Abaixo dos pés: um mistério
que com sua ajuda
será resolvido!



O pré-lançamento do livro aconteceu na noite de 23 de dezembro de 2024, em Colatina (ES), na loja Anos 80 – Espaço Cultural Dedé Santana, onde o livro se encontra à venda.

Com a presença de familiares, amigos, da esposa Walkiria, e das filhas gêmeas Morgana e Georgia, nascidas há pouco tempo.



Abaixo, o autor acompanhado de sua mãe Penha Guimarães, e dos amigos Zião, Martinho, Déia e Leônidas.



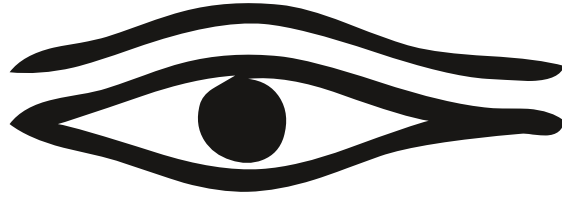
O lançamento oficial foi na Biblioteca de Colatina em 11 de junho de 2025, e teve, além da fala do autor, uma fala do amigo de infância e escritor Leônidas Fachetti, e Zião leu um poema escrito especialmente sobre o livro.



Acima, o autor com a família, com os amigos Daniel e Patrícia. Abaixo, Suely e Renata, Isolina e o autor, Jacimar e Martinho, integrantes da Academia de Letras e Artes de Colatina.



Fotos do lançamento por Jorge Conopca



DIZEM QUE EM CADA COISA UMA COISA OCULTA MORA

ALBERTO CAEIRO

Dizem que em cada coisa uma coisa oculta mora.
Sim, é ela própria, a coisa sem ser oculta,
Que mora nela.

Mas eu, com consciência e sensações e pensamento,
Serei como uma coisa?
Que há a mais ou a menos em mim?
Seria bom e feliz se eu fosse só o meu corpo —
Mas sou também outra coisa,
 mais ou menos que só isso.
Que coisa a mais ou a menos é que eu sou?

O vento sopra sem saber.
A planta vive sem saber.
Eu também vivo sem saber, mas sei que vivo.
Mas saberei que vivo, ou só saberei que o sei?
Nasço, vivo, morro
 por um destino em que não mando,
Sinto, penso, movo-me
 por uma força exterior a mim.
Então quem sou eu?

Sou, corpo e alma,
o exterior de um interior qualquer?
Ou a minha alma é
a consciência que a força universal
Tem do meu corpo por dentro,
ser diferente dos outros?
No meio de tudo onde estou eu?

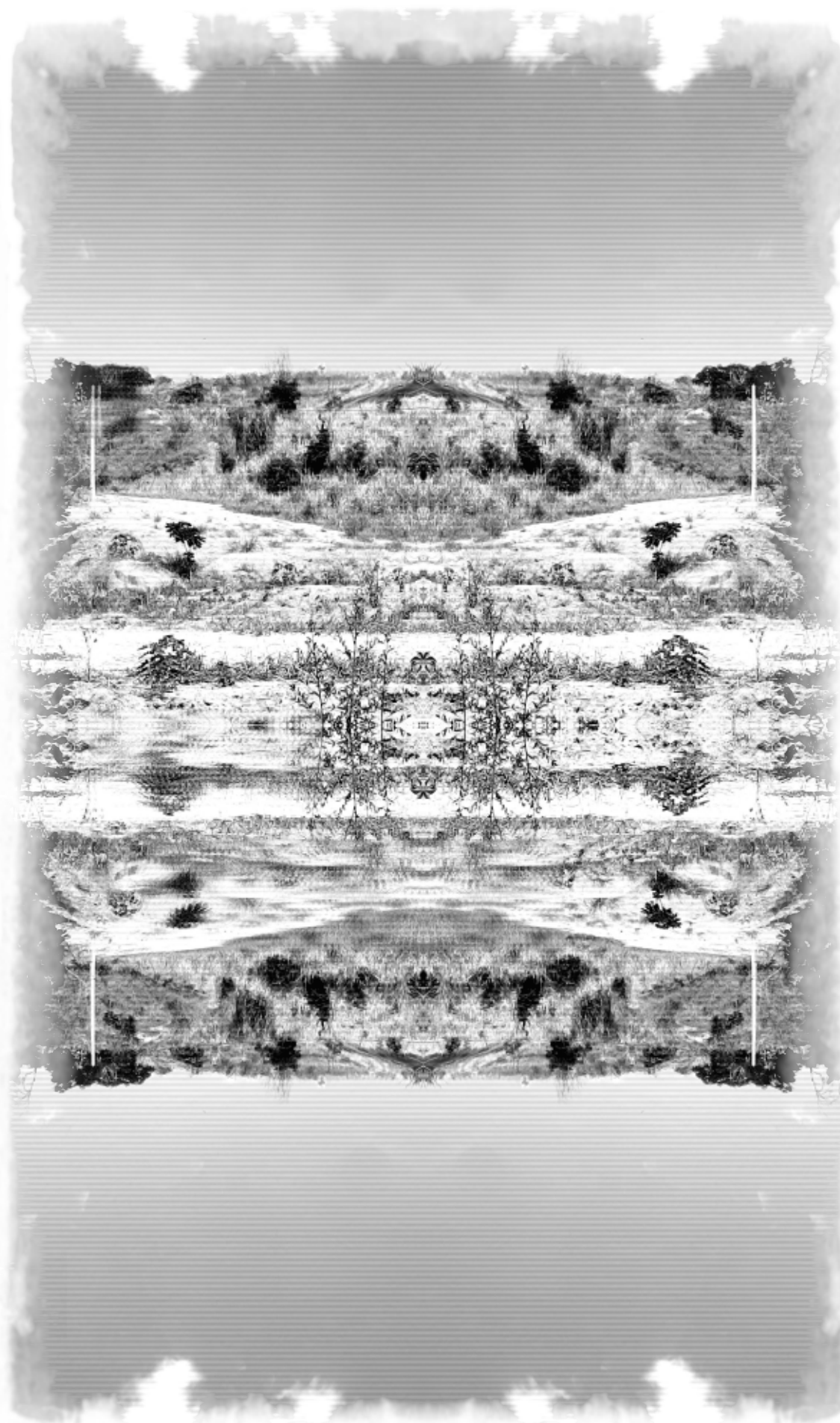
Morto o meu corpo,
Desfeito o meu cérebro,
Em coisa abstracta, impessoal, sem forma,
Já não sente o eu que eu tenho,
Já não pensa com o meu cérebro
os pensamentos que eu sinto meus,
Já não move pela minha vontade
as minhas mãos que eu movo.

Cessarei assim? Não sei.
Se tiver de cessar assim,
ter pena de assim cessar,
Não me tomará imortal.



Alberto Caeiro é um dos nomes que o escritor português geminiano Fernando Pessoa usava para assinar poemas. Sua obra mais famosa é "O Guardador de Rebanhos".

Este heterônimo é conhecido por ser o "mestre" de Álvaro de Campos, outro nome "de" Pessoa, que considerava Caeiro "o próprio paganismo".





ENTREVISTA COM SUELY S. ZANOTELLI

POR ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

Saudações amiga Suelýrica, muitas gracias por aceitar conversar comigo nessa entrevista para a primeira edição da revista Ludicidades :)

Escolhi esse poema do Caeiro (nas páginas anteriores) para nos acompanhar nesse volume... achei ele ao mesmo tempo concreto e abstrato... uma espécie de espelho d'água, com reflexões ondulosas... se quiser comentar sobre a poesia, o Caeiro e/ou o Pessoa(s), me alegrarei de ouvi-la...

A busca insensante pela essência do ser e o fato de escancarar a fragilidade humana, torna essa obra de Caeiro ressonante em contextos que vão muito além do seu tempo.

Você é empurrado a refletir sobre a ambiguidade da existência. Ele não se exime da responsabilidade e se atira no caótico balé da vida.

Suas convicções são desafiadas e você não sairá ileso, repensará suas certezas e quiçá até transformará sua visão de mundo.

Ele nos possibilitará a descoberta de que em cada coisa realmente mora algo oculto clamando por ser desvendado. Este é um convite á introspecção, uma chance de descobrir as verdades ocultas que permeiam a existência.

A sua máxima é um chamado para aqueles que se atreveram a olhar além das aparências. A sua coragem de abordar a vida com olhos puros faz com que muitos sintam a necessidade de visitar suas próprias crenças.

Paradoxalmente para uns ela é um paraíso onde se perde as inseguranças, enquanto que para outros ela provoca o desconforto de apontar verdades que prefeririam ignorar. Caeiro nos instiga a sermos detetives nos dando pistas que nos conduzem ás nossas emoções negligenciadas.

E falando em poesia, como foi a sua aproximação da poesia como leitora e como autora?

A poesia que me satisfaz é aquela que encontro ocasionalmente na prosa.

A rima, a métrica podem cercear as nossas criações se não estivermos preparados com uma formação direcionada. E tudo o que limita nos empobrece.

Só os deuses como o Pessoa, o Camões, o João Cabral de Melo Neto, o Casimiro de Abreu, a Florbela Espanca e alguns outros são capazes de nos embriagar ao ponto de perdermos a lucidez e fazer uns ensaios pensando em poesia.

Como são para você os momentos onde a escrita de uma poesia ou texto começa?

Já ouvi de um escritor que o processo de criação é filho da angústia. Creio nisso. São momentos desafiadores cheios de dúvida e insegurança.

Deve ser espontâneo, de dentro pra fora, a autoconfiança e a aceitação são cruciais para o crescimento do escritor, nisso inclui emoções, sentimentos, sensações...

E depois da escrita vem o momento de mostrar para outras pessoas o que foi escrito... como é pra você essa hora?

A apresentação do nosso trabalho é sempre um momento de ansiedade, de insegurança e de vulnerabilidade, já que é quando você escancara o seu interior, expõe o seu segredo e se abre para as críticas de diversas direções.

Isolina me disse que você foi professora da APAE em Colatina, nos conta sobre essa história?

Em 1975 eu tinha terminado o Magistério do Ensino Médio e fui convidada pela diretora da APAE de Colatina, Leda Coutinho Dias, para fazer o curso Doman-Delacato, criado na Philadelphia, e voltado para crianças com lesão cerebral.

Ele abrange as três áreas principais do ser humano: cognitiva, sensorial e motora. Fiz o curso por etapas e começamos a aplicá-lo aqui na APAE. Era muito prazeroso ver o resultado desse trabalho com as crianças apresentando melhora na capacidade física, intelectual e social. Trabalhei até 1980 com essas crianças e depois fui pra Vitória porque tinha sido aprovada num concurso lá.

Como era a comunicação com os alunos? Quais histórias inspiradoras lembra desse tempo?

A comunicação era a melhor possível, eu era muito nova e os estímulos eram lúdicos. Naquela brincadeira as coisas aconteciam naturalmente. De repente o que era choro se tornava um sorriso largo.

Inspirador era o afeto que reinava naquele ambiente, as crianças interagiam com qualquer espécie de estímulo. E o resultado era sempre vertical, satisfatório.

Gostaria de ouvir suas visões sobre o lúdico e a ludicidade...

O que essas palavras te fazem sentir e pensar? E qual a importância e a função da ludicidade pra sua vida e pra cultura humana?

Penso que o lúdico e a ludicidade é encantamento.

E são imprescindíveis para a saúde mental do ser, porque nos insere no mundo das relações sociais, desenvolvendo senso de iniciativa e auxílio mútuo.

A finalidade das atividades lúdicas é atuar como facilitadoras na comunicação e no psico-emocional.

Sinto muita verdade na fala do psicólogo suíço Édouard Claparède quando disse: não há nada mais sério que uma criança brincando.

A ludicidade é o espaço para a expressão mais genuína do ser humano.

Aliás, não só do ser humano, mas também dos animais. Quem nunca viu um animal brincando?

E hoje, há considerações efetivas a respeito da ludicidade, de que você pode conhecer um homem observando as suas "brincadeiras".

Não só o homem, o seu universo político também.

Como foi participar da fundação da Academia de Letras e Artes de Colatina, a nossa querida ALARC, e como está sendo participar desse grupo de artistas?

Confesso que fiquei muito lisonjeada com o convite do Adilson, por quem eu tenho muita admiração.

É claro que houve uma insegurança inicial, afinal uma Academia de Letras e Artes requer pessoas preparadas e comprometidas com a cultura da sua cidade, estado e país. Contudo já na primeira reunião, vendo os envolvidos nesse projeto, senti que teríamos tudo pra levarmos essa ideia adiante.

Está sendo muito prazeroso e enriquecedor participar desse grupo que reforça a ideia de que "A Arte existe porque a vida não basta."

Para finalizar, um exercício lúdico, como Colatina será daqui há 10 anos se as coisas que você sonha para a cidade se realizarem?

Com um crescimento exponencial, só consigo imaginar um trânsito caótico, já que Colatina é um vale, e a robótica nos atendendo no transporte.

Ah, a cidade seria conhecida por sua forte atuação em sustentabilidade... um planejamento urbano inovador com serviços públicos mais eficientes e engajamento dos cidadãos.

"Vida louca vidaaaaa

Vida breve

Se eu não posso te levar

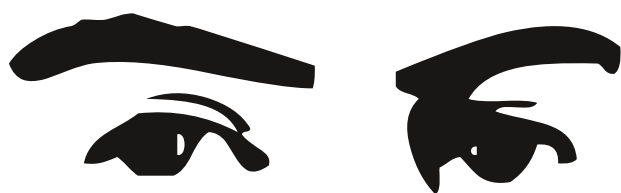
Quero que você me leve."

(risos)



Suely Selvátici Zanotelli é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, com especialização em Língua Portuguesa e Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Integrante da ALARC – Academia de Letras e Artes de Colatina, e entusiasta do surrealismo ao vivo.





CARTA AOS DIRETORES MÉDICOS DOS ASILOS DE LUNÁTICOS

ANTONIN ARTAUD

Senhores,

A Lei e os Costumes permitem a vocês o direito de avaliarem as mentes humanas. É esperado que vocês exerçam esta jurisdição soberana e temível com discernimento. Vocês não se importarão se nós rirmos. A credulidade das pessoas civilizadas, dos estudiosos e administradores, concedem à psiquiatria uma sabedoria sobrenatural ilimitada. O caso da profissão de vocês recebe o veredicto adiantado. Não temos a intenção de discutir aqui a validade da sua ciência, nem a existência duvidosa da doença mental. Mas para uma centena de diagnósticos patogênicos pretensiosos, nos quais a confusão entre mente e matéria corre solta, para uma centena de classificações das quais apenas as mais vagas ainda têm alguma utilidade, quantas tentativas nobres foram

feitas para abordar o mundo da mente, no qual tantos de seus prisioneiros vivem? Por exemplo, para quantos de vocês os sonhos de um esquizofrênico e as imagens que o assombram são algo mais do que um amontoado de palavras?

Não estamos surpresos por achá-los incapazes de realizar uma tarefa para a qual poucos são predestinados. Mas protestamos vigorosamente contra o direito atribuído a certos homens, com mentes estreitas ou não, de sancionar suas investigações no domínio da mente com sentenças de prisão perpétua.

E que prisão! Todos nós sabemos – não, não é sabido o suficiente – que os asilos, longe de serem asilos, são prisões temíveis, onde os internos fornecem fonte de mão de obra gratuita e útil, e onde a brutalidade é a regra, e você toleram tudo isso. Um asilo mental, sob o disfarce da ciência e da justiça, é comparável a um quartel, uma prisão ou uma colônia de escravos.

Não levantaremos a questão do confinamento arbitrário. Isso lhes poupará o trabalho de fazerem negações precipitadas. Mas afirmamos categoricamente que um grande número de seus internos, bem loucos de acordo com a definição oficial, também são confinados arbitrariamente. Protestamos contra qualquer interferência no livre desenvolvimento do delírio. Ele é tão legítimo, tão lógico, quanto qualquer outra sequência de ideias ou atos humanos.

A repressão de reações antissociais é tão quimérica quanto inaceitável em princípio. Todos os atos individuais são antissociais. Os loucos, acima de tudo, são vítimas individuais da ditadura social. Em nome da individualidade que pertence especificamente ao homem, exigimos a libertação dessas pessoas condenadas por sensibilidade. Pois lhes dizemos que nenhuma lei é poderosa o suficiente para prender todos os homens que pensam e agem.

Sem enfatizar a natureza perfeitamente inspirada das manifestações de certos loucos, na medida em que somos capazes de apreciá-las, simplesmente afirmamos que seu conceito de realidade é absolutamente legítimo, assim como todos os atos resultantes dele.

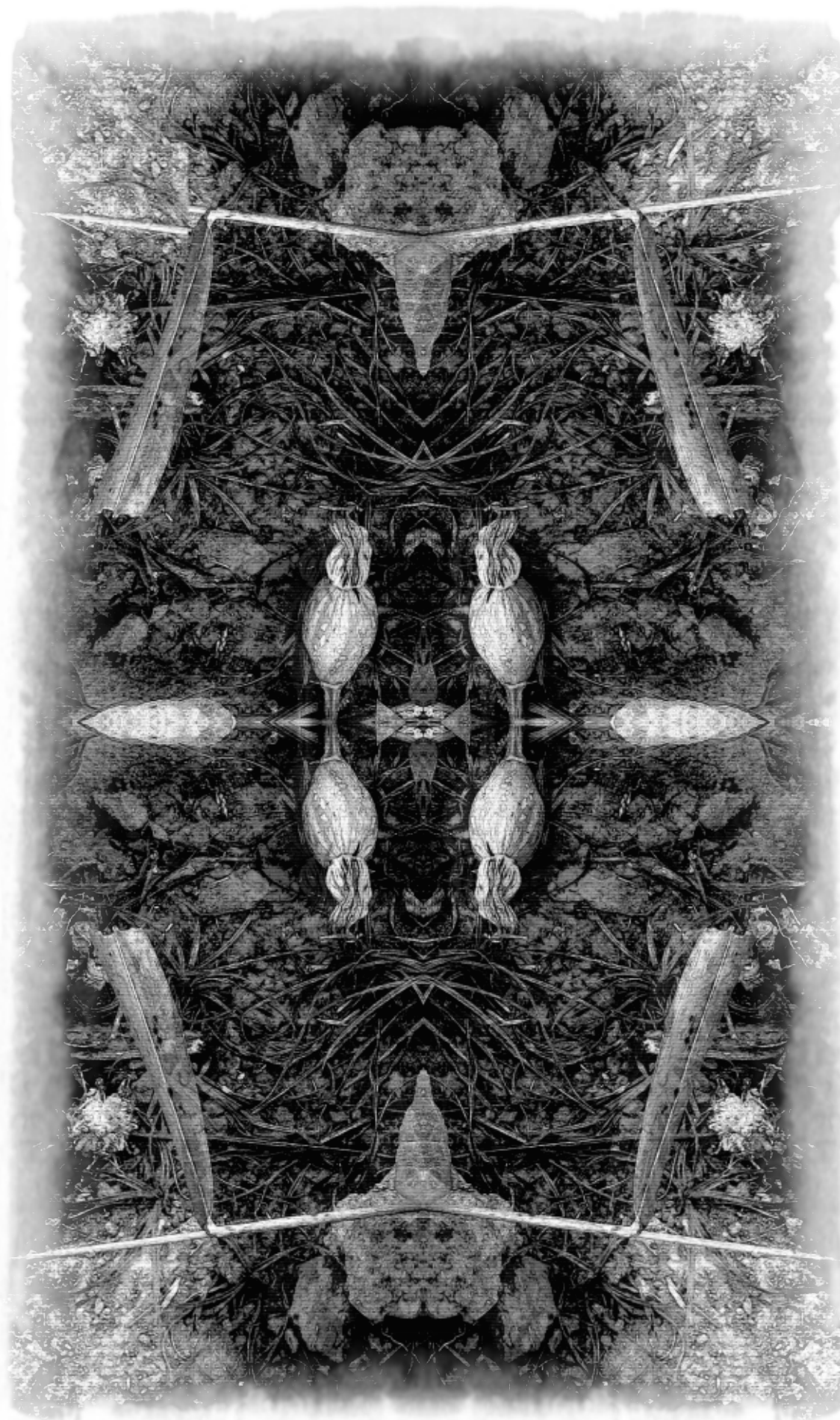
Tentem se lembrar disso amanhã de manhã durante suas rondas, quando, sem conhecerem a linguagem deles, tentarem conversar com essas pessoas sobre as quais, admitam, vocês têm apenas uma vantagem, a da força.

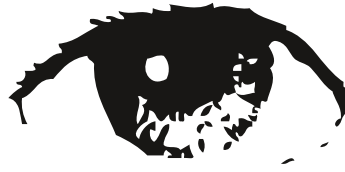


Antonin Artaud nasceu na França no fim do século XIX. Foi poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro. Teve conexões com o anarquismo e o surrealismo.

Em 1937 foi acusado de ser louco e internado em hospícios, onde sofreu a tortura do eletrochoque na cabeça, considerada tratamento pelos loucos de jaleco.

Sua obra final foi a transmissão radiofônica "Para acabar com o julgamento de Deus".





JOGO "FAMILIARIDADE" DE MARCUS BAIKAL

FAMILIARIDADE É UM JOGO DE CELEBRAR UM MODO DE VIDA DEVAGAR, FORA DA CORRERIA DE UMA VIDA CONECTADA CONTEMPORÂNEA. NELE VOCÊ É UMA BRUXA QUE TEM UM GATO, CUIDA DE UMA HORTA E FAZ FEITIÇOS...

Você pode ser um bruxo e seu sapo. Ou um bruxo-gato e sua mandrágora. O importante é ser uma dupla, um encarregado dos feitiços, outro das aventuras exploratórias!

Você mora em uma cabana no Bosque da Bruxa, e pode viajar para lugares como a Aldeia, o Brejo, a Cachoeira, entre outros...



Abaixo, uma página onde o mapa é apresentado.

Ah! Bruxa e Gato não precisam ser menina e felino, por assim dizer. Se quiser trocar sexo e espécie dos seus bichos, não tem problema. Você pode ser um bruxo e seu sapo. Ou um bruxo-gato e sua mandrágora. O importante é ser uma dupla, um encarregado dos feitiços, outro das aventuras exploratórias!

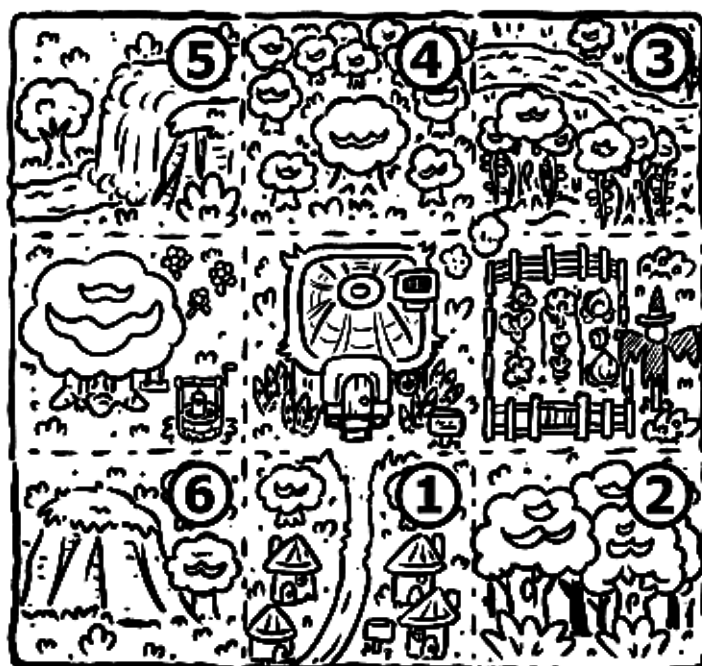


Já conhecendo nossos protagonistas, vamos começar a imaginar esse lugar onde vivem. Na falta de nome melhor, esse é o Bosque da Bruxa. Seu bosque, daqui por diante, mas não exatamente seu, não desde sempre, mas sempre foi meio que enrolado em feitiçaria. Essa cabana onde mora pode ter sido uma herança da vó benzedeira que tinha, ou um lugar que visitou quando criança habitado por outra bruxa ou fantasma e visitando mais tarde descobriu ele vazio. Fica em uma clareira nesse bosque encantado e a única civilização por perto fica bem depois de uma estradinha para o sul.

Vamos te orientar usando essa referência: Ao Sul, a estrada para a Aldeia. Se o Bosque é da Bruxa, a Aldeia é do Sul. Simples. Se quiser renomear este e outros lugares, basta

anotar no seu diário, logo na primeira página, cada nome, embora possa fazer isso mais tarde, com ideias que surjam de suas explorações.

Encontrou uma neblina na Mata do Sudeste? Mata da Neblina. Ao todo são 6 pontos de orientação que serão relevantes em nossa jornada por ali. Contamos assim e se precisar alguma hora, sorteamos com 1d6:



- 1) A Aldeia do Sul
- 2) A Mata do Sudeste
- 3) O Brejo do Nordeste

- 4) O Coração da Floresta para o Norte
- 5) A Cachoeira do Noroeste
- 6) O Rochedo do Sudoeste

Isso são os lugares ao redor, há perigos por lá, mas o motivo principal da Bruxa não sair de sua cabana e seu quintal é que ela realmente gosta de ficar em casa e não recebe visitas mais do que uma vez por dia. O pessoal da Aldeia já sabe disso e se limita a enviar um visitante a cada dia. Os demais moradores também não costumam visitar demais, mas o Gato pode visitá-los. Aproveitando o nomear dos 6 cantos, nomeie um Vizinho em particular para fazer amizade – você ainda não tem toda a amizade com eles ainda, dê um nome, espécie, descrição e/ou desenho dele e rabisque três corações ali, a serem

UMA VERSÃO LIGHT DA OBRA COM 10 PÁGINAS
PODE SER ACESSADA GRATUITAMENTE NO SITE
DA EDITORA JOTUNRAIVOSO.COM.BR

O livro traz ilustrações, tabelas, explicações e materiais necessários para você jogar. Apesar de ser um RPG Solo, o jogador controlará uma dupla de personagens.

Está pronto para começar? Pegue aí seu papel, seu diário, sua caneta ou seu lápis aventure-se com imaginação e criatividade por Familiaridade.

X	1	2	3	4	5	6
1	11.	12.	13.	14.	15.	16.
2	21.	22.	23.	24.	25.	26.
3	31.	32.	33.	34.	35.	36.
4	41.	42.	43.	44.	45.	46.
5	51.	52.	53.	54.	55.	56.
6	61.	62.	63.	64.	65.	66.

Se for um **Estranho**, imagine alguém que bem poderia ser um Aldeão, mas não é. Está ali de passagem e nem é um Mercador. O Estranho só volta no ano seguinte. Se for um Estranho no ano seguinte, ele volta, grato ou querendo vingança. Se voltou querendo vingança, arruine sua Horta só com o mau-olhado dele e lide com a consequência do estrago que seu feitiço fez – até arruinar o estrago, nada dá certo, nem na Horta, nem qualquer outro feitiço. Por outro lado, as Recompensas dos Estranhos são ingredientes-coringa, podem tanto ser plantados e quando colhidos, renderem uma Verdura ou Cheiro Verde adequado para qualquer feitiço, como podem ser usados in natura como uma Coisa Incomum para qualquer feitiço.

Se for um **Outro Aldeão**, a menos que já tenha conhecido todos os 36 aldeões, você encontra sempre um Aldeão diferente, mesmo que sorteie o mesmo número jogando 20%. Jogue de novo se for o caso. Se for um **Mercador**, esse viajante está disposto a comprar qualquer ingrediente ou vendê-lo, mas tudo que quiser comprar deve ser precedido de uma Pergunta ao Oráculo. Em uma Pergunta assim, que se dá quando a resposta de algo pode ser "sim" ou "não", você joga 1d6 e se o resultado for 4, 5 ou 6, a resposta é Sim. Se for 1, 2 ou 3, a resposta é não. O valor de uma Semente é 1/6 da planta colhida e o de uma Verdura ou Cheiro Verde é igual à quantidade de dias para sua colheita. Uma Coisa Incomum só pode ser trocada por outra coisa incomum. Já Coisas Comuns, como açúcar, café, chá, sal, pimenta, manteiga, trigo ou arroz podem ser trocados por "1 dia de verdura" por unidade. Se quiser usar dinheiro, 1 "dia de verdura" é igual a 1 moeda. Mas essas Moedas só serão úteis quando outro Mercador vier.

Por fim, pode ser um **Vizinho**, sortie-o com 1d6 para descobrir de qual direção é o vizinho que chegou (dê na p.2). Vizinhos ficam felizes se você é bem-sucedido em realizar um feitiço para eles (marque um coração preenchido de favor) e perdem esse afeto se o feitiço dá errado ou se o pedido for negado (marque um coração vazio). Eles não vão reclamar se o feitiço der errado e forem desconhecidos, mas vai ser mais difícil o Gato contar com a cooperação deles se precisar de algo da casa deles.

Definido quem visita, sendo novidade (como sempre será no primeiro dia), sempre será sobre um **Pedido de Feitiço**, sendo uma visita de alguém que já conhece, **Pergunta ao Oráculo**, se é uma visita por um pedido ou não, caso em que será uma visita social. Visitas sociais demandam que você prepare algo

conquistados com favores, presentes e visitas em dias importantes, como seu aniversário. Por ora, não preencha tudo porque você ainda nem sabe disso. Só faça a anotação dessas 6 lugares e deixe o espaço para identificar cada um deles conforme explora o lugar.

Voltando ao Centro de tudo e morada de seus personagens, A Cabana oferece algumas comodidades, uma estante recheada de livros, um fogão a lenha alimentado por um elemental do fogo. Seu quarto e sua mesa estão a dispor de Gato e Bruva para relaxar ou trabalhar. Fora dali, para o Leste está sua Horta, recebendo o sol da manhã e lide de passáros intrusos com a ajuda do elemental do vento com cera de corvo. Para o Oeste, seu poço é quintal, para passar o tempo no balanço e pagar água do elemental que habita ali. O borneiro é mágico, não se preocupe, um elemental da terra faz um desaparecimento muito útil para a fertilidade do mundo a partir daí.

SEU PRIMEIRO DIA

Tudo pronto, hora de começar o dia. Seu primeiro dia começa tão prazeroso como qualquer outro, mas é verão. Calor te faz levantar. Seu maior objetivo nesse jogo é desenvolver uma nova magia: o Pular do Tempo de Verão. É uma magia para fazer o tempo andar mais rápido e uma estação inteira passar num piscar de olhos. Para uma Bruva introvertida, o calor do verão é a Estação mais complicada do ano e a mais indesejável! Para fazer isso, você precisa lançar pelo menos dez feitiços com sucesso. Anote uma contagem a cada feitiço realizado, como 1/10 ao terminar seu primeiro feitiço.

Tudo isso você tem um compromisso com sua Horta, vá láregar já um trabalho buscar do outro lado a água no Poço, mas basta imaginar que está sendo feito e pronto! O primeiro dia de Verão é ingênuo, um tremendo sol quente queima suas plantinhas e flores que estavam lá. Só o mato cresce. Você passa esse primeiro dia lançando a Horta e revelando seus 9 lotes de terra, dispostos em um quadrado. Rabisque no diário o quadrado com 9 quadradinhos dentro, como um jogo da velha e preencha com sementes que tiver consigo. Escreva no seu diário o que você tem na sua bolsa, e, a princípio, jogue 1d6 para saber:

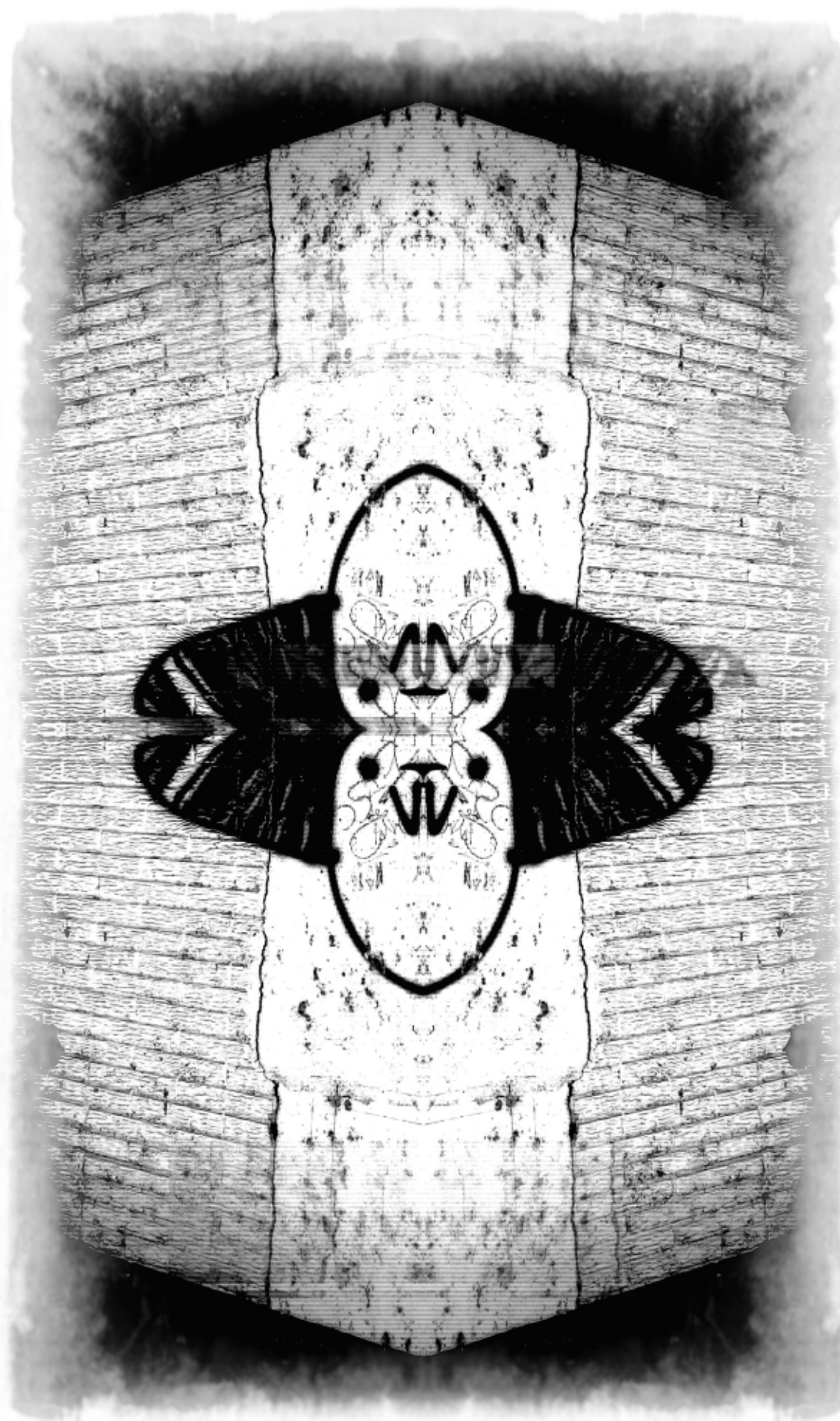
- 1) 1 semente de Abóbora (requer 3 dias Nublados consecutivos);
- 2) 6 sementes de Repolho (colhe em 2 dias de Sol);
- 3) 3 sementes de Salada (colhe em 5 dias de Sol);
- 4) 1 semente de Berlimba (colhe em 3 dias de Sol);
- 5) 3 sementes de Cenoura (colhe em 3 dias de Sol);
- 6) 6 sementes de Cebolinha (colhe após 2 dias de Sol, morre no fim da Estação)

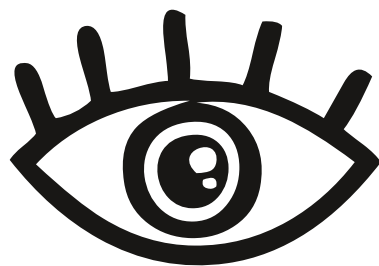
Plante como preferir e faça uma anotação usando os siglas das plantas para facilitar seu registro se preferir. A cada dia vá atualizando o que está acontecendo. A cada novo dia, antes de checar sua horta, cheque o dia. Jogue 1d6 e compare com a tabela de tempo de acordo com a estação:



Marcus "Baikal" Cristo é graduado em Direito, graduando em História e pós-graduado em gestão da educação, com foco na aplicação de jogos de simulação e interpretação no ensino.

Mestre de RPG com o hobby de criar adaptações e cenários novos. Costuma ser um recurso útil para levar ideias de RPG a cabo, embora esta seja a primeira levada à publicação, com a intenção de continuar servindo na criação de cenários que informam bem aos jogadores sobre novos mundos para conhecerem.





ZIÃO RESPONDE #2

BATI UM PAPO COM A QUERIDA AMIGA
MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES,
QUE JÁ RESPONDEU MINHAS PERGUNTAS
SOBRE CLARICE LISPECTOR NA ZINE
"ESTRANHAMENTO E ESPLENDOR"...

DESTA VEZ,
FOI ELA QUEM FEZ AS PERGUNTAS,
E O ASSUNTO FORAM MEUS NOMES...

Você é zhiOmn, Zião, Zião Dionísio, Zião Clarice Dionísio e talvez mais algumas personas. Como você se expressa quando incorpora cada um desses heterônimos? O cidadão O. M. N. é colocado em cena alguma vez? Se é, quando isso ocorre?

Os nomes pra mim são detalhes importantes, mas não me esqueço que são detalhes... se mordemos um fruta que não sabemos por qual nome chamar ela, a fruta vai ter o mesmo sabor, ainda que anônima...

Nenhum dos nomes que escolher ou que me derem terá pernas, pulmões, mãos ou cabeça... nomes só tem letras... ninguém come a palavra maçã... comemos uma coisa que pode ser chamada de maçã, ou de apple... mas onde nessa fruta tem algo escrito?...

A vida existe antes das palavras, e também depois delas... as letras que estão nos meus documentos são aquelas que falo pra autoridades, para polícias... os meus nomes próprios, que eu descubro e escolho, são acessórios e símbolos que uso para apontar os tons que habitam meu jeito de sentir e de dizer... ainda assim, em nenhum deles cabe a totalidade do que sou quando danço sem dizer nada, e também sem nome escrito em nenhuma célula do corpo...

“Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade.”

— Gilles Deleuze e Félix Guattari
em “Mil Platôs — Vol. 1”
Platô 2, “Um só ou vários lobos?”

Então não existe diferença entre a estética de zhiOmn, Zião, Zião Dionísio, Zião Clarice Dionísio?

Sim, não e talvez... rrsrrs... em cada momento que esses nomes surgiram e foram adotados haviam diferenças na minha vida, nas minhas relações e nos meus interesses... esse tipo de diferença que teria mesmo que durante elas eu usasse o mesmo nome...

Mas ao mesmo tempo, esses nomes não indicam heterônimos como os de Pessoa que tinham biografias diferentes da do autor... são uma continuidade e parte da minha própria biografia... acho que as histórias de como cada um deles foi surgindo e sendo adotado é um tanto simples e sem glamour, e me alegra ainda mais que seja assim... nenhuma visão extraordinária, nenhuma voz misteriosa, as inspirações pra eles foram situações que podem ser chamadas de "banais" mas que pra mim tem a beleza de, como disse Clarice Lispector, o natural ser mais mágico que o sobrenatural...

O que você acha? Gostaria de observações externas... Achou as respostas satisfatórias? ^.^

Sim, vou escrever algo sobre os diferentes nomes, estou pensando...

PS: e antes de zhiOmn teve também Zion... x)

Você lembrou o Zion, e achei também Zião zhiOmn, juntos, em Tropicalzin 2, de abril de 2023. Essa questão dos nomes não é tão simples e sem glamour como você quer fazer parecer. O simples fato de um nome surgir a partir de diferenças na sua vida, em seus interesses, já aponta para uma mudança de perspectiva em relação à vida, ao mundo. Não é uma mudança de visão de mundo, mas uma “adequação” do nome a seus interesses do momento. O exemplo mais recente é o do mergulho na obra de Clarice Lispector, o que desencadeou não só a adoção do Clarice em seu nome artístico como também a “interferência” clariceana em seus textos, como é patente em A Feira Flutuante.

É verdade que exagero quando digo que é sem glamour... talvez seja um medo de decepcionar, daí tento reduzir as expectativas... vou comentar sobre eles começando pelo mais recente que "vesti"...

Clarice é um nome lindo, eu acho... ainda que não saiba separar o quando que acho o nome bonito por ele mesmo e o quanto da beleza vem dos contatos com Lispector... no ano passado, durante o período que estávamos fazendo a zine sobre a escritora Clarice, saí numa sexta à noite pra um evento na Madeirow... no caminho, eu pensava que queria encontrar uma moça que tivesse o nome Clarice... depois pensei que queria encontrar alguém que tivesse escolhido se chamar Clarice... e aí vi que esse alguém era eu... rsrsrs...

O nome anterior que vesti foi Dionísio... acontece que algumas pessoas me perguntavam "mas é Zião do quê?"... e responder Zião zhiOmn não deixava elas satisfeitas... então vesti o sobrenome Dionísio... mesmo eu não sendo tanto do vinho, simpatizo com outras características dessa divindade...

Seguindo a retrospectiva chegamos em Zião... foi na época que eu trabalhei de garçom no Caraíva Bar... seu ex-aluno Bruno Kaptisyki escreveu Zião em vez de zhiOmn no grupo dos convocados pra trabalhar no dia... eu achei genial, uma versão brasileira de escrever, quase um Tião... rrsrrs...

Agora sobre zhiOmn... já existiam muitas contas nas redes sociais que usavam Zion, porque é uma palavra já bastante conhecida, está em letras de reggae, é o nome de uma cidade no Matrix, e tem até gente que recebe esse nome dos pais...

Daí tentei bolar um nome de usuário alternativo, e juntei "zhi", uma palavra que existe em tibetano e chinês (com significados diferentes), com "omn", que são as iniciais do nome que eu digo pra polícia e que também faz referência sonora à sílaba Om do sânscrito...

Sobre como comecei a usar Zion vou dizer como a Clarice Lispector naquela entrevista: "Isso é segredo" (ainda que não seja)... risos... ^.^

Em 1993, Arnaldo Antunes lançou uma obra inovadora, composta de poemas/músicas/imagens publicadas em livro, vídeo e CD. Nessa obra multimídia, duas produções, “Nome” e “Nome não”, são reflexões das quais me lembrei quando você colocou suas ideias sobre a utilização de diferentes nomes: o nome não é a coisa, o ser; o nome é convenção linguístico-cultural

"Nome" Arnaldo Antunes

Algo é o nome do homem
Coisa é o nome do homem
Homem é o nome do cara
Isso é o nome da coisa
Cara é o nome do rosto
Fome é o nome do moço
Homem é o nome do troço
Osso é o nome do fóssil
Corpo é o nome do morto
Homem é o nome do outro

"Nome não" Arnaldo Antunes

Os nomes dos bichos não são os bichos
Os bichos são
Macaco gato peixe cavalo
Vaca elefante baleia galinha

Os nomes das cores não são as cores
As cores são
Preto azul amarelo verde vermelho marrom

Os nomes dos sons não são os sons
Os sons são

Só os bichos são bichos
Só as cores são cores
Só os sons são
Som são, som são
Nome não, nome não
Nome não, nome não

Os nomes dos bichos não são os bichos
Os bichos são
Plástico pedra pelúcia ferro
Madeira cristal porcelana papel

Os nomes das cores não são as cores
As cores são
Tinta cabelo cinema céu arco-íris TV

Os nomes dos sons não são os sons
Os sons são

Só os bichos são bichos
Só as cores são cores
Só os sons são
Som são, som são
Nome não, nome não
Nome não, nome não

Lindas e lúcidas as letras do Arnaldo... ^.^
ele é genial, sempre vanguarda... :)

No primeiro parágrafo do Mil Platôs o Deleuze e o Guattari falam sobre nomes...

"Escrevemos o Anti-Edipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU."

Leia outras edições de "Ziã Responde"
em apoia.se/tropicalzin



Maria Isolina de Castro Soares é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Mestrado e Doutorado na área de concentração Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Aposentou-se pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes), campus Colatina.

É autora de Português Instrumental (ISBN 978-85-62934-32-2), obra que faz parte do catálogo de material de cursos técnicos do Ministério da Educação, acervo dirigido a alunos de Ensino Médio Técnico da Educação Profissional e Tecnológica. Publica poemas na zine Tropicalzin, de Colatina, ES. Possui inúmeros artigos publicados em livros, revistas e anais de congressos, abordando aspectos teóricos de obras literárias.



Zião Clarice Dionísio tá por aí, mais uma vez, desafinando uma existência editorial zineira com a ajuda de amig@s... essa aí do lado é a minha cara em 2025... fiz 35 esse ano... já estou tão feliz e cansado de estar concluindo a feitura dessa zine, que nem quero falar do que já antes na vida... mas, pra resumir em uma palavra "dancei"... é isso que sempre faço, eu danço... mesmo quando parado... mesmo quando escrevo... mesmo quando cavo buraco ou carrego terra no carrinho de mão... eu acho... eu desacho... na dança eu me liberto e me encontro...

CARTA DO EDITOR

Fazer as revistas da Tropicalversos é uma alegria, mas dá um trabalhão... São horas dedicadas a pesquisa, escrita, edição, seleção de imagens, conversas com autores, design, entrevista, tradução...

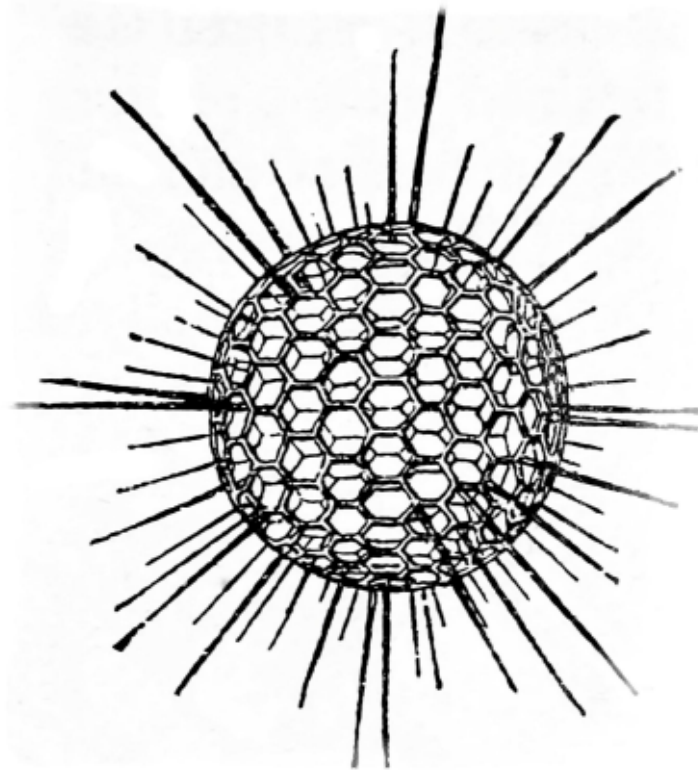
Apesar das vendas, dos apoios e matrocínios recebidos das mecenas, infelizmente o retorno financeiro das revistas tem sido insuficiente (ainda mais pra quem tem filho)...

Portanto, se você gostou de ler essa edição, e se considera que os trabalhos e publicações que faço pela editora Tropicalversos precisam continuar, considere:

- comprar uma cópia física da revista
- ou apoiar com qualquer valor
pela chave pix poetaziao@gmail.com
ou pelo apoia.se/tropicalzin

Vida longa às artes! Evoé!

- Zião Clarice Dionísio



Obrigad@ pela leitura =)

Acesse outras obras em:
tropicalversos.com

Apoie em: apoia.se/tropicalzin

Envio de textos e compras:
instagram.com/zhionn

Pix:
poetaziao@gmail.com



